

DIA DAS MÃES

Enquanto o país prepara o almoço de domingo, há famílias em que a mesa é o balcão. Em Brasília, mães e filhos são sócios em negócios que atravessam gerações: sem manual, sem planilha — o cartório vem depois

Do colo a sócios

» JOÃO PEDRO RESENDE DE CARVALHO*

No domingo mais esperado de maio, filhos arrumam flores, mensagens e almoços especiais. Em quatro famílias do Distrito Federal, o hábito é outro: mãe e filho se encontram, como em qualquer dia, no trabalho. Não por falta de afeto. Mas porque o afeto entrou

na empresa — e a empresa entrou no almoço de domingo, no grupo de WhatsApp, na conversa de corredor. Mais do que modelos de negócio, essas sociedades são formas de transmissão. É o jeito de tratar o cliente como se estivesse em casa, a disciplina de quem começou sozinha e não desistiu, a filosofia de que todo trabalho merece ser bem feito. Coisas que se aprendem convivendo — não estudando.

Para Ênio Pinto, gerente de Relacionamento com o Cliente do Sebrae, o segredo está na complementaridade. Ao contrário das amizades — que se formam por semelhança —, na família as pessoas costumam ser opostas: criados sob os mesmos valores, filhos desenvolvem aptidões distintas das dos pais. “O outro lado da laranja”, como ele define. O conselho prático: delimitar o escopo de

cada um, registrar metas e avaliar resultados em conjunto. Um contrato de gaveta.

Mais da metade das micro e pequenas empresas brasileiras — 54% — têm familiares como sócios ou colaboradores, segundo a Pesquisa Pulso dos Pequenos Negócios do Sebrae (2024). Entre os negócios liderados por mulheres, o índice sobe para 59%. Nos setores de alimentação e beleza,

lideram o ranking, com 69% e 62%, respectivamente. Esta reportagem ouviu quatro famílias do Distrito Federal — uma clínica de estética em Brasília, uma casa de biscoitos mineiros na Asa Norte, uma escola de educação infantil que atravessou três gerações e a maior rede de pet shops do DF. Cada uma chegou aonde está sem manual, sem planilha — o cartório veio depois.

Carlos Vieira CB/DA Press

Sabor de mãe

Fundada por Dona Maria Madalena Teixeira em 1995, a marca surgiu após a família vir de Minas Gerais para Brasília, em busca de tratamento médico para um dos filhos. O negócio começou com a matriarca e as filhas produzindo quitutes artesanais no próprio apartamento e vendendo sob encomenda.

Na 210 Norte, uma loja vende biscoito mineiro há 30 anos. A receita não nasceu ali. Veio de uma cozinha de fazenda em João Pinheiro, Minas Gerais — 335 quilômetros antes. Lá, uma criança observava as tias sovando. Aprendia o ponto da massa, o tempo do forno, o jeito de fazer quitutes. “Até o modo de fazer elas me ensinaram”, diz Dona Maria Madalena Teixeira, 78 anos. Vendia rosca e pão de queijo no supermercado da cidade. Já tinha clientela quando a vida mudou de rumo.

A família veio para Brasília em etapas. Primeiro chegou Márcia, nos anos 1990, para trabalhar como secretária parlamentar na Câmara dos Deputados. Depois, dona Maria e os filhos mais novos. O motivo não era o negócio: era a saúde do filho Rodrigo, que



Maria Madalena, com as filhas Márcia e Andréia, abriu a empresa em 1995